

A presença chinesa na reconstrução de Luanda

The Chinese presence in the reconstruction of Luanda

Tiago Bassika Nzovo
Mestrando, MPPT-UDESC
Bolsista PROMOP
nzolumingo@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir como ocorre a presença Chinesa nos projetos de reurbanização e requalificação da província de Luanda desde o fim da guerra civil, considerando que, os cidadãos do referido país já estão cada vez mais em maior número disputando todos os espaços de empregos formais e informais com os cidadãos nacionais. Para tanto foram levantadas fontes documentais que nos ajudaram a compreender tal presença. Também foram feitas observações e entrevistas em Campo, no intuito de compreender o impacto desses novos imigrantes na vida cotidiana de Luanda. As observações preliminares indicaram que em alguns casos os chineses são maioria principalmente nos projetos de construção civil.

Palavras Chave: Discutir; Presença Chinesa; urbanização e requalificação; Luanda.

Abstract: This article aims to discuss how does the Chinese presence in the projects of redevelopment and rehabilitation of the Luanda Province since the civil war, whereas the citizens of that country are becoming ever-greater numbers, playing all areas of formal and informal jobs national. For this documentary sources have been raised that help us understand such a presence. Were also made field observation, and interviews in order to understand the impact of these new immigrants every day life in Luanda. Preliminary observation indicated that in some cases the Chinese are most especially in construction projects.

Keywords: Discuss; China Presence; Urbanization and redevelopment; Luanda

Trajetória da China até o Continente africano

Nesta parte do texto que trata tanto da política como os negócios chineses no continente africano terá como apoio, o estudo do OLIVEIRA (2007) que trata da política africana da China.

O continente africano era chamado de perdido, sobretudo pelos países desenvolvidos e ex-colonizadores, ainda que problemas como conflitos étnicos, guerras, massacres e crises humanitárias terem sido por grande parte influenciada por estes. Vários países conquistaram suas independências política no período posterior a Segunda Guerra Mundial, mas ainda

assim, o continente continuou sendo apenas mero fornecedor de matéria prima. As poucas receitas derivadas das referidas vendas beneficiavam apenas a pequena elite nacional formada após independências.

China tem sido a palavra mais pronunciada nos últimos anos no mundo, no continente africano e em Angola em particular. Fala-se em crescimento da economia, Comércio, Financiamentos, Câmbio, Acordos, importação, exportação e Emigração popular. Neste contexto de palavras, notícias e estudos procuraram-se utilizar diferentes fontes de informação sobre a China desde jornais, revistas, sites, artigos, e livros para que no presente artigo iniciemos a entender sua presença nos projetos de Reurbanização e Requalificação de Luanda desde.

Em seguida relatos de alguns dos marcos importantes na trajetória da China para África ao longo do tempo.

A partir de 1956 enquanto ainda vigorava a hegemonia mundial entre Estados Unidos de América e a Rússia acontece o primeiro encontro entre os representantes do governo Chinês e dos governos do Egito, Argélia, Marrocos, Sudão e Guiné Equatorial. Tal encontro visava por parte da China ampliar o leque de contactos e iniciar diálogos e possibilidade de futuros acordos. E neste momento os representantes do governo Chinês formularam cinco princípios do relacionamento do seu país com os africanos, dos quais passamos a citar:

- 1) Respeito mútuo da soberania e da integridade territorial;
- 2) Não agressão mútua;
- 3) Não ingerência nos assuntos internos;
- 4) Igualdade e vantagens recíprocas;
- 5) Coexistência pacífica.

Os princípios acima citados foram reforçados diplomática e politicamente por parte do governo Chinês no ano de 1980. Neles foram estabelecidos pré-requisitos como: manutenção da independência e da autonomia dos países; defesa da paz no mundo; e busca em comum do desenvolvimento. Esses foram tidos como alicerces da estratégia dos diferentes acordos. Mais adianta ambos os países acordaram que todos os princípios visavam principalmente: igualdade e vantagens recíprocas; valorização da eficácia; diversidade nas formas de cooperação; e desenvolvimento em comum.

Importante observar que pelas ambições de expansão e abertura econômica, a China já via o Continente africano como grande fonte de matéria prima, e potencial mercado para exportação de seus produtos, além de ser uma região política a ser considerada atendendo suas ambições globais.

Neste contexto das relações, princípios e pré-requisitos entre a China e países africanos chama atenção o fato de grande parte dos governos africanos registrarem diversos conflitos internos relacionado às suas filosofias de governo. São situações que envolvem dentre outros fatos, o empobrecimento cada vez maior da população, violação dos direitos humanos e pressões por abertura democrática.

Para esses governos, a forma com que foram estabelecidos os acordos com a China, conforme apresentado anteriormente garantem uma tranquilidade maior na continuação do exercício do poder, diferentemente do que acontecia nos acordos com potências Europeias e Estados Unidos faziam acordos de exploração de matéria prima e de outras riquezas mas, sempre que lhes interessava impunham algumas condições como pré-requisitos para efetivação dos acordos.

Negócios da China no continente africano

Anteriormente foi referido que o interesse da china em países africanos está também relacionado com matéria prima e mercado para exportação dos seus produtos.

Na seqüência da contribuição do OLIVEIRA (2007), consta que, no que se refere a importações chinesas identifica-se o Algodão bruto da África do Oeste; cobre e cobalto da República Democrática do Congo; minério de ferro e platina de Zâmbia; e madeira do Gabão. Já no lado africano os países importam principalmente produtos manufaturas e vestuário de baixa tecnologia.

Nos últimos dez anos esta realidade vem mostrando tendências de melhorias, por um lado fruto da estabilização política verificada em vários países e também impulsionada pelo Fórum China-África no ano 2000.

A partir daí através de diversos acordos de cooperação econômica, Pequim dentre outras atuações eliminou tarifas de importação de 190 produtos de 28 países africanos e perdeu a dívida de 1,2 bilhões de dólares. Nesta conjuntura, o comércio Sino-africano cresceu em média 30% ao ano desde o ano 2000, possibilitando que quem em 2008 o

comércio atingisse o valor de 107 bilhões de dólares, ou seja, 45% a mais do que no ano anterior.

Por outro lado, a China, por intermédio das suas empresas estatais nomeadamente: CNPC (China National Petroleum Corporation); CNOOC (China National Offshore Oil Corporation); e SINOPEC (China Petroleum and Chemical Corporation) importa também petróleo fornecido principalmente por Angola, Sudão e Argélia. Assim sendo, em 2005 a China importou 38 milhões de toneladas de petróleo do continente africano, totalizando 30% de todo o petróleo importado.

Observa-se também que os chineses tinham até o ano de 2006, 450 projetos investidos no continente sendo 28% destes direcionados ao setor mineiro e petróleo. Mas antes, no ano 2004 foram investidos 15 bilhões de dólares americanos em todo o continente, dos quais 900 milhões vieram da China.

No setor de infra-estruturas foram investidos em instalação de redes de telefonia móvel no Quênia, Zimbábue e Nigéria o equivalente a 400 milhões de dólares americanos.

Destacando-se ainda que a África, principalmente na região Subsaariana tem representado mais de 1/3 das importações de petróleo para a economia chinesa. Angola se tornou o maior parceiro comercial da China na África, com o comércio bilateral atingindo a soma de US\$ 25,3 bilhões de dólares em 2008, antes da crise financeira internacional. Ao lado da Arábia Saudita o país é o maior fornecedor de petróleo para China.

Acrescentar ainda que o chamado sucesso da presença Chinesa em África vem acompanhado de diversas estratégias entre elas: Oferecer financiamentos e acordos comerciais, não impõe condições, introduzem capacidade para desenvolvimento de infra-estrutura e valorizam os preços dos produtos africanos¹.

Teoria de apoio

Considerando o cenário da globalização e abertura de mercados no plano mundial, vários tipos de acordos de cooperação vêm sendo estabelecidos entre países, regiões, Blocos e Comunidades visando fortalecer cada vez mais suas economias e desenvolver os seus respectivos países. Dentre estes vários acordos alguns como financeiros e econômicos comerciais e tecnológicos se destacam.

¹ Disponível em <http://casadasafricas.org.br/img/upload/674760.pdf>. Acesso aos 06/09/2011

Tal cenário de acordos internacionais acaba produzindo diferentes tipos de efeitos. Assim, no presente texto, motivado pelo rumo das informações coletadas em campo aborda-se-á brevemente sobre um dos efeitos, que no presente caso se trata da Migração Internacional. Nessa conjuntura acredita-se que,

As migrações internacionais, atualmente, constituem um espelho das assimetrias das relações sócio-econômicas vigentes em nível planetário. São termômetros que apontam as contradições das relações internacionais e da globalização neoliberal. No contexto do sistema econômico atual, verifica-se o crescimento econômico sem o aumento da oferta de emprego. O desemprego passa a ser uma característica estrutural do neoliberalismo, e as pessoas, então, migram em busca, fundamentalmente, de trabalho.²

Dando seqüência das informações da referência anteriormente citada, alguns dados sobre a distribuição da população migrante em 2002 chamam atenção. A maior parte vivia na Ásia (43,8 milhões), seguida pelos EUA e Canadá (40,8 milhões), Europa ocidental (32,8 milhões) e a ex-União Soviética (29,5 milhões). Enquanto isso, o continente africano, Latino Americano e Oceania registravam menor presença com 16,3 milhões; 5,9 milhões 5,8 milhões respectivamente. Também registrar que do ano 1990 a 2005, o número de pessoas que foram morar fora dos seus países variou de 120 milhões para 191 milhões.

Por outro lado segue uma importante contribuição reflexiva de ABDELMALEK SAYAD (1998: 27) *apud* (Ihá, 2006) na qual afirma que:

A migração internacional - mesmo quando resultado harmônico de convenções bilaterais (e, sobretudo nestes casos, diríamos) - é o produto de uma relação de forças. Negá-lo, ou somente ocultá-lo, é sempre vantajoso para o mais forte, para o parceiro em posição dominante, que é aqui sempre o parceiro que oferece em seu território possibilidades de empregos, e jamais o parceiro que só tem a oferecer os seus trabalhadores desprovidos de trabalho em suas terras. Nesta ótica, submetidas ao modo de pensar da nação, as noções de retorno do imigrante à sua sociedade ou, ao contrário, de fixação definitiva na sociedade do país de imigração, exprimem-se em um outro vocabulário que traz a marca de um voluntarismo político nacional e nacionalista e de um intervencionismo estatal.

² Disponível em: http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm. Acesso aos 12/09/2011

Pelo conteúdo da teoria é possível abstrair que o mundo de cooperações e acordos internacionais entre países envolve uma série de questões socioeconômicas, políticas e culturais. Por isso a necessidade de se envolver todas as partes sensíveis para que se previnam possíveis complicações ou problemas. É um cenário complicado principalmente pelas características que a envolvem principalmente porque na prática tem sempre um lado quem perde muito e outro que ganha muito.

Caracterização da província de Luanda

Considerando oportuna uma apresentação vislumbrando reforçar o conhecimento da identidade de Luanda apresenta-se que, a província de Luanda é a capital da República de Angola fundada em 1576 pelo então Capitão Paulo Dias de Novais. Está localizada na Costa Oeste do Oceano Atlântico. Possui uma superfície de 2.418km² e uma população estimada em 2011 de sete milhões de habitantes, 1/3 da população do país. Está subdividida em nove municípios nomeadamente: Samba, Maianga, Ingobota, Cazenga, Kilamba Kiaxi, Sambizanga, Viana, Cacuaco e Rangel.

A capital possuiu a maior área urbanizada do país e todos os centros administrativos a nível nacional. Possui um governador provincial que é a autoridade máxima na província. O mesmo é nomeado pelo Presidente da República conforme todos outros governadores Provinciais do país.

China em Luanda/Angola

Seguindo a lógica anterior, o presente item será abordado apoiado no estudo “A economia política internacional da China para Angola e os caminhos da transição sistêmica” do PAUTASSO (2010).

O começo da relação China e Angola foi marcado por alguns obstáculos políticos e Sociais principalmente entre 1950 a 1990. Casos como as alianças e distanciamento da China com a ex União Soviética; a aproximação aos Estados Unidos de América e em seguida o seu próprio isolamento e fechamento. Por parte da Angola destaca-se entre 1975 a 2002 a luta e a

conquista da independência nacional, a prolongada guerra civil e o momento da conquista da paz, reconciliação nacional e reconstrução do país.

Diante disso, o grande sinal do começo e fortificação das relações comerciais e de cooperação tiveram seu início no ano de 1997, onde os líderes e representantes dos dois países iniciaram a assinatura de diversos acordos nas áreas de saúde, educação, energia, águas, pesca, correios e telecomunicações, obras públicas e agricultura.

Pelo que constam oficialmente, os projetos angolanos são encaminhados para uma equipe formada pelo Ministério das Finanças de Angola e Ministério dos Negócios e Assuntos Estrangeiros da China. Os Projetos financiados são acompanhados e por um Gabinete Técnico de Gestão de Crédito da China Exibamk. Após o final das Obras os pagamentos são realizados por via de débito de importação de petróleo com taxas de juros baixas e longos prazos de pagamento.

Dentre os inúmeros projetos com presença marcante da China em Angola e Luanda respectivamente, torna-se pertinente citar alguns no presente estudo:

- Recuperação da ferrovia Lobito (Benguela)-Luau (Moxico), com mais de 1.300 km ligando a Costa Atlântica à fronteira com a Zâmbia e à República Democrática do Congo, ao custo de 1,8 bilhões de dólares e utilizando 3 mil trabalhadores angolanos e 1,5 mil chineses⁵;
- Construção do novo aeroporto de Luanda, no valor de 450 milhões de dólares
- Reabilitação da ferrovia de Luanda, com 444 km, no valor de 90 milhões de dólares;
- Expansão da Rede elétrica de Luanda contratada junto à China National Machinery & Export Corporation, com a obrigatoriedade de subcontratação de 30% do valor do contrato para empresas angolanas;
- Reabilitação da ferrovia Namibe-Menongue, com mais de 900 km, no valor de 2 bilhões de dólares;
- Investimentos em transportes coletivos urbanos de cerca de 500 milhões de dólares para as províncias de Luanda, Benguela, Huambo, Uíge e Malange, com a aquisição de 5.500 veículos – e a exigência do governo angolano de que parte dos veículos seja montada no país;
- Construção em 2006 do atual Hospital Geral de Luanda com custo total de 8 milhões de dólares, dos quais 6 milhões disponibilizados pela China e os outros 2 milhões financiados por Angola;

- Construção, aparelhamento e transferência de conhecimentos em 53 instituições de ensino tecnológico. Entre estes, destacam-se a construção de 13 institutos politécnicos de ensino médio em 2007 e mais 21 em 2009, cuja atuação técnico-profissional passa por ramos diversos, desde gestão agrícola até administração.
- Construção da maior centralidade, a cidade do Kilamba Kiaxi onde estão sendo erguidos 710 edifícios, para acolher mais de 100 mil pessoas, numa área de oito mil quilômetros quadrados. O seu projeto prevê também vários tipos de serviços e equipamentos públicos e privados.³

A seguir algumas fotos que ilustram em parte a presença chinesa em Angola no ramo legal da construção civil e no comércio informal e de baixo valor agregado. Elas têm como objetivo incitar uma viagem imaginária até Luanda dentro da lógica de reflexão sobre China em Angola:

Figuras 1 e 2. Cidade do Ki lamba Maior Centralidade da Requalificação de Luanda



Fonte: <http://www.luanda.gov.ao/PublicacoesD.aspx?Codigo=723> Fonte: O autor, 2011

³ <http://www.luanda.gov.ao/PublicacoesD.aspx?Codigo=723>

Figura.3. Chineses no comércio informal em Luanda



Fonte: O autor, 2011

As fotos número 1 e 2 tratam da construção da cidade do Kilamba, umas das maiores obras com forte presença Chinesa. A Cidade é considerada por parte do governo de Luanda, maior centralidade⁴ já construída em Angola. A foto número 3 apresenta duas mulheres Chinesas vestidas de traje típico. Elas comercializam balas, velas e chás na saída da Igreja Católica São Domingos em Luanda.

Percepção da presença chinesa sob ponto de vista de alguns atores como: governo de Luanda, ONG's e cidadãos no geral

Propositadamente inicia-se o presente item com um estudo de Percepção do Impacto da China na Responsabilidade Social das suas empresas e das empresas ocidentais, no que se

⁴ Dentro do Projeto de Requalificação e re-urbanização da província de Luanda consta a construção de novas cidades fora da área central de Luanda. As mesmas são estão sendo construídas visando dentre outros objetivos desafogar o centro tradicional da cidade e descentralizar diferentes serviços de ordem administrativa além de novas áreas residências. Neste contexto, a Cidade do Kilamba é considerada a maior centralidade na atualidade.

refere a condições de trabalho, diferença de salários, jornada de trabalho e transferência de tecnologia. A pesquisa foi realizada em 2010 pelo Centro de Estudos e Investigação Científica-CEIC da Universidade Católica de Angola.

A pesquisa apontou que cerca de 40% dos trabalhadores das empresas chinesas tem menos de 22 anos enquanto nas ocidentais este numero cai para 18%. Enquanto isso, 80% dos trabalhadores chineses têm nível de escolaridade básico, enquanto este número cai para 50% no caso da empresas ocidentais.

Os angolanos nas empresas chinesas têm maior jornada de trabalho e menores salários se comparado com os que trabalham nas empresas ocidentais. Mas por outro lado os trabalhadores angolanos afirmaram que preferiam trabalhar com chineses e nas suas empresas, sobretudo se os salários e jornadas de trabalho fossem semelhantes com as empresas ocidentais trabalhar. Os mesmos sustentaram que têm muita coisa a aprender com os chineses do ponto de vista de trabalho e tecnologias, mas a língua e alguns choques culturais são também empecilho que podem ser ultrapassados com o tempo.

Em seguida, a percepção do Sergio Calundungo, Diretor Geral da ONG - Ação para Desenvolvimento Rural e Ambiental-ADRA, entrevistado em Junho de 2011:

Angola precisa se erguer e ai aparecem a China. A China dá muitos recursos sem muitas exigências como, por exemplo, corte nos gastos públicos, transparência, sem corrupção, participação popular, direitos humanos. Com a China é: dá petróleo que eu te dou dinheiro. Há um problema da presença Chinesa; são pouco qualificados: Quando entram em Angola, trazem seus carpinteiros, pedreiros etc e impedem os angolanos trabalhar; Linha de crédito não acessível aos empresários angolanos; Trabalham com violação dos direitos humanos e ambientais; os projetos chineses são mais baratos e rápidos.

Os Chineses estão com tudo na fabricação de blocos de cimento para construção civil. São rápidos e baratos; estão explorando madeira considerando que Angola possui economia extrativa, ou seja, eles estão explorando matéria prima, transformam e nos vendem novamente. Mas dentro de tudo isso o grande problema está no nosso governo que não sabe aproveitar da melhor maneira a presença Chinesa aqui. Por exemplo: China dá dinheiro e deveria empregar angolanos. Na Etiópia já se faz isso. Por outro lado poderia Limitar os chineses a determinados espaços econômicos.

A próxima entrevista trata-se do único empresário chinês do ramo imobiliário encontrado durante a Feira Imobiliária de Luanda 23 a 26 de Junho;

Nós estamos trazendo competitividade, preço baixo e qualidade nos serviços, além da rapidez na entrega dos projetos. Há preocupação com chineses de classe baixa que entram no vosso país mas isso é problema do vosso governo que permite isso. Não comento sobre a vida na china aqui em Angola.

Segue-se os comentários de dois representantes do Governo provincial de Luanda à respeito da presença Chinesa . O primeiro se trata do Dr. Pedro Rosário Yaba, diretor Interino da Direção Executiva do Programa de Habitação Social e Requalificação das Áreas de Realojamento de Luanda.

Os Chineses estão nos ajudando. Garantem rapidez nas obras e preço baixo dos materiais, pois são casas sociais não podem ter mesmos custos que uma casa não social, não subsidiada. Muitas obras são do futuro por isso a população não entende e reclama

O próximo ponto de vista trata-se de um dos arquitetos e representante técnico das Áreas de Realojamento de Luanda:

Sou apenas um técnico e faço o que me orientam. Sobre a qualidade das casas sociais, estamos ouvindo reclamações dos cidadãos, mas eles não sabem que os chineses têm caminho livre e auto fiscalização. Construção de qualquer casa tem o tempo mínimo respeitado mas, os chineses constroem rápido demais. Eles vieram com acordos especiais. Uma casa social tem um custo baixo. A questão de emergência faz com que a qualidade ideal das casas sejam afetada.

Basicamente nesta entrevista estava em destaque às constantes reclamações por parte da população em relação a qualidade das casas sociais e o material usado para sua edificação. Observando que está em curso dentre vários projetos de reconstrução e requalificação de Luanda, a construção de Habitações Sociais por parte do governo. É um projeto que foi lançado no ano 2008 durante a campanha eleitoral. E realmente a quantidade das casas prometidas está sendo construída em grande parte pelos Chineses com uma rapidez nunca vista antes.

Por outro lado, a população reclama que as paredes das casa estão quebrando em pouco tempo por falta de alicerce, reclama pelo excesso de rachaduras no piso inacabado.

Reflexões oportunas

Depois desta pequena contribuição que visa o exercício entender a presença da China na reconstrução de Luanda, várias reflexões são possíveis de serem feitas. No meio destas possibilidades brotam alguns comentários, dúvidas e perguntas.

Com o mundo mergulhado cada vez mais em inúmeras crises econômico, guerra civil, terrorismo, fome, ameaça de colapso ambiental, ocorrem alguns questionamentos oportunos: Se a China está ajudando porque a falta emprego, saúde e saneamento básico? Porque os chineses estão também são vendedores ambulantes? Porque a obras dos chineses para a população pobre não duram? Será que a China é mesmo a salvação do mundo?

São perguntas colocadas propositadamente e reflete a intenção base predominante no presente texto “Reflexão”.

Utilizando da observação em Campo, entrevistas e leituras, vislumbra-se de fato o esforço que tem sido empreendido por parte do governo de Angola em relação a Presença chinesa nos projetos em Luanda. Afinal, um país rico em recursos naturais, mas devastada por uma prolongada guerra, uma vez que alcançada a paz demanda projetos de Reconstrução de curto, médio e longo prazo.

Sabe-se também que, a província de Luanda foi à região do país mais protegida durante a guerra civil e conseqüentemente a que menos sofreu. Por esta condição, observou conseqüências indiretas e de igual modo graves: Fluxo exponencial de cidadão a procura de proteção, formas adensadas de ocupação legal e ilegal nos arredores das áreas urbanizadas; altos índices de criminalidade analfabetismo e pobreza.

Nesse sentido, os acordos de não questionamento do governo, se baseado somente no “dá- me petróleo e matéria prima que eu te vendo matéria prima barata e eu participo e financio seus projetos” estão impulsionando o celeiro de obras na qual se transformou Luanda. Surgimento em curto espaço de tempo de vários condomínios de casas e apartamentos de luxo e não só, estradas novas, estádios de futebol que serviram o Campeonato Africano das Nações-CAN em 2010 e construção de casas sociais.

Por outro lado existe grande preocupação por parte da população com relação ao número assustador de Chineses de diversas camadas sociais que entram no país, e muitos com discurso de nunca mais regressar ao país de origem. A preocupação vem principalmente das camadas sociais com pouca ou nenhuma qualificação. Temem perder seus negócios informais já

que há um número cada vez maior de chineses nesse ramo; Temem conflitos culturais e sociais, pois, já são registradas quadrilhas de assalto a mão armada de cidadãos chineses, além das brigas por causa da língua.

Preocupações também são verificadas no campo de trabalho. Existem regulamentações por parte do governo de Angola na política de contratação que protege uma porcentagem de empregos para cidadãos nacionais principalmente na construção civil. Mas com uma fiscalização ineficiente e muitas vezes ausente, muitos nacionais acabam sendo admitidos no começo e demitidos logo em seguida.

Um das grandes justificativas por parte dos chineses é de que os angolanos trabalham devagar e gostam de intervalos durante o trabalho. Nessa perspectiva surgiram relatos de que em alguns projetos na construção civil, os funcionários chineses trabalham praticamente sem parar e comendo pouco alegando: "Ter que entregar as obras antes do tempo combinado"

Por mais que se identifiquem boas intenções por parte dos projetos de requalificação e reconstrução da cidade de Luanda, e cujos discursos do governo carregam certa lógica, "sofrer um pouco agora para amanhã desfrutar da melhor qualidade de vida" ainda assim, a cidade está se mergulhando em um caos urbano. Estudos recentes das organizações internacionais, "reservados os questionamentos" apontam que a cidade continua sendo das mais caras para se viver além de ter atualmente maior número de pessoas por m².

Além disso, a presença em campo levou a perceber que não houve participação popular efetiva nos projetos em curso. Como consequência, grande parte da população que sempre sobreviveu de comércio informal fixo e ambulante nas ruas da cidade de Luanda está sendo enviada para locais criados pelo governo à 20 km ou mais de distância do centro da cidade.

Como uma das consequências imediatas, inúmeras casas nos bairros bem localizados nos arredores da cidade estão se transformando em pequenos comércios, com o agravante de ter que disputar produtos e clientes com chineses e cidadãos de outras nacionalidades que trabalham mais de 14 horas ao dia

Referências

RELATÓRIO ECONÔMICO DE ANGOLA. Mitos e percepções sobre as empresas chinesas entre trabalhadores angolanos: Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola, 2010

IHÁ, Natália Cristina. Os caminhos da transnacionalidade: a migração internacional de Criciúma para Boston: Florianópolis-SC, 2006

OLIVEIRA. Amaury Porto. A política africana da China: Campinas, 2007. Disponível em <http://casadasafricas.org.br/img/upload/674760.pdf>. Acesso aos 06/09/2011

LUANDA. Histórico, geografia, economia, turismo e desenvolvimento: Portal do Governo da Província de Luanda: Publicação 723.pdf-Adobe Reader

MARINUCCI, Roberto; MILES, Rosita. Migrações Internacionais Contemporâneas: CSEM/IMDH. Disponível em: http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm

PAUTASSO, Diego. A economia política internacional da China para Angola e os caminhos da transição sistêmica :SÉCULO XXI, Porto Alegre, V. 1, Nº1, jan-dez 2010. Disponível em: <http://sumario-periodicos.espm.br/index.php/seculo21/article/viewFile/1708/33>. Acesso aos 15/08/2011